



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Programa de Pós-Graduação em Filosofia
FLF5228 Estética (Cézanne e Puvis de Chavannes)
Prof. Dr. Leon Kossovitch
Créditos: 08
Duração: 12 semanas

I – OBJETIVOS

Estudo da pintura de Cézanne e de Puvis de Chavannes por sua indiferença à história da arte que a captura com preconceitos sequenciadores e finalistas.

II – CONTEÚDO

1. Considera-se a arte de Cézanne irreduzível a um único plano, como o estilístico e o semiológico, pois a valorização das sensações por ela, pondo em jogo a um só tempo a natureza, o olho e a pintura, evidencia o efêmero mas determinado sítio do artista, assim como o resultado pictórico e o cambiante do motivo;
2. Embora não despreze as noções mais antigas definidoras da pintura, desenho, cor, luz, Cézanne as reinterpreta, estendendo-as com um conjunto de noções cuja explicitação escapa ao empirismo moderno e propõe a hipótese de uma operação centrada na física e na lógica do estoicismo de Zenão, Cleanto e Crisipo; a hipótese não é descabida, historicamente, pois se conhece a paixão de Cézanne pelas letras gregas e latinas, cujas obras o acompanhavam na atividade ao ar livre;
3. As sensações e as noções por elas articuladas se acham em doxografia, na qual se destacam as *Vidas* de Diógenes Laércio e o *Contra os Lógicos* de Sexto Empírico, não podendo ser ignorados textos de Cícero, Aécio e mais autores;
4. Em Cézanne, a harmonia na tela e na natureza implica a harmonização de ambas pela ação do olho; em Puvis de Chavannes estabelecem-se relações diferentes, com a parede distinguindo uma palheta clara baseada em estudos lentos de desenho predeterminador da execução de uma fantasia associada à decoração;



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

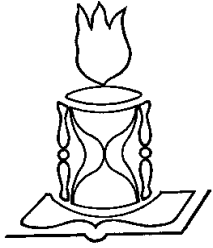
5. Mural, a decoração é monumental, aproximando Piero della Francesca e Puvis de Chavannes. Mas tal vizinhança nisso se detém, assim como a pintura coeva de Puvis: a monumentalização diverge das pinturas dos contemporâneos por elidir a composição acadêmica feita de transições e subordinações das partes, as figuras a si mesmas bastantes prescindem das passagens de cor, luz ou da atenuação dos recortes em que cada figura, rija conquanto redonda, se acresce, suficiente, às demais e ao cenário;
6. As características da pintura aqui resumidas separam Puvis de seus contemporâneos acadêmicos, associando-se a sua monumentalidade, não ao que se entende vagamente por “clássico”, mas à figuração antiga de outra extração, seja à greco-romana do Baixo Império, seja à rígida do Oriente parta e sassânida. Assim como os artistas que reivindicam Cézanne não lhe dão continuidade por reduzir-lhe a complexidade o mais das vezes à estilização, Gauguin, Picasso ou Magritte tomam a Puvis de Chavannes não mais que alguns traços, declarando-o, ou não.

III – FORMA DE AVALIAÇÃO

Trabalho escrito.

IV – BIBLIOGRAFIA

- J. Rewald, *Cézanne*, Nova Iorque, 1986.
- VV.AA. *Cézanne – The Late Work*, Nova Iorque, 1977.
- G. Plazy, *Cézanne*, Fribourg, 1981.
- H. Düchting, *Cézanne*, Köln, 1989.
- E. Faure, *Paul Cézanne & J. Gasquet, O que ele me disse*, Lisboa, 2012.
- P. Cézanne, *Correspondance*, Paris, 2006.
- F. Ildefonse, *Les Stoiciens – I*, Paris, 2004.
- Sextus Empiricus, *Against Logicians*, Cambridge & London, 1935.
- R. Jean, *Puvis de Chavannes*, Paris, 1914.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A. B. Price, *Arcadia by the Shore*, Tóquio, 2014.

L. d'Argencourt & J. Foucart, *Puvis de Chavannes*, Paris, 1976.

R.J. Waddenmaker, *Puvis de Chavannes and the Modern Tradition*, Ontario, 1976.

R.B. Bandinelli, *Rome. La Fin de l'art Antique*, Paris, 1970.

R. Ghirsham, *Iran. Parthians and Sassanians*, Paris, 1962.

V. G. Lukonin, *Cultura Sassanidskogo Irana*, Moskva, 1969.